

M.A.R REGRESSA
PARA ANIMAR
RUAS DE SINES

Pág. 10



JOÃO CRUZ EM ALTA
FOCADO NA CONQUISTA
DO MUNDIAL

Pág. 12



'LOTE 29' CELEBRA
UM ANO COM VINHO
NO CENTRO DA EMENTA

Pág. 13



Somos
informação
segura
semmais.pt

+ Região

Diretor
Raul Tavares

Semanário
Região de Setúbal

Edição n.º 1359
9.ª série

DISTRIBUÍDO COM O
Expresso

Sexta-feira
18 setembro
2026
0,50

semmais

REGIÃO CONTA COM 25 MIL ALUNOS AFETADOS PELA FALTA DE PROFESSORES

Pág. 2

ÁGUA DE PALMELA PODE RESOLVER ABASTECIMENTO NA PENÍNSULA



A ministra do Ambiente avançou com a possibilidade de um futuro fornecimento via Castelo de Bode, mas essa solução não resolve o problema da escassez. Autarcas da península colocam em cima da mesa o aquífero de Palmela, "o mais abundante e de maior qualidade" de toda a região.

Pág. 3

ACIDENTES NA REGIÃO MATAM UMA PESSOA A CADA DEZ DIAS

Pág. 4

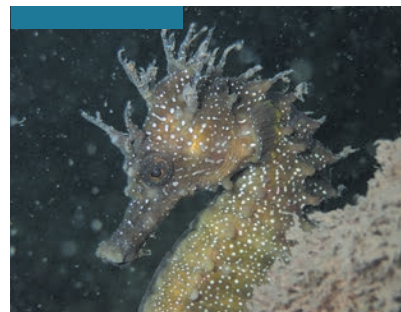
LISNAVE JÁ RECUSA OBRAS EM NAVIOS POR FALTA DE ESPAÇO

Pág. 6



ALCOCHETE QUER MANTER FUNDAÇÃO DAS SALINAS

Pág. 8



REPORTAGEM

FUNDO DO TEJO DÁ GUARIDA A CAVALOS-MARINHOS

Projeto de conservação está a criar habitats artificiais na Trafaria para proteger duas espécies de cavalos-marinhos. Já foi identificada uma população significativa.

Pág. 9

SETÚBAL INVESTE 91 MILHÕES NO PARQUE ESCOLAR

Município sadino prepara obras de requalificação em quatro estabelecimentos e ainda a construção de um novo centro escolar. Financiamentos estão assegurados pelo PRR.

Pág. 8



WWW.UNIPS.PT
ESTUDAR@IPS.PT



+ UNIVERSIDADE.
+ POLITÉCNICA.
A evolução continua



UNIVERSIDADE
POLITECNICA
SETÚBAL

PUBLICIDADE

FENPROF DIZ QUE ARRANQUE DESTE ANO LETIVO É MAIS PREOCUPANTE DO QUE O ANTERIOR

Há cerca de 25 mil alunos afetados pela falta de professores no distrito

Setúbal tem um problema crónico de falta de docentes, sendo o segundo distrito mais carenciado do país. Sindicalistas desmentem otimismo do Governo e alertam que a profissão caminha para um ponto de não retorno, com quadros envelhecidos e sem capacidade financeira para atrair jovens.

TEXTO JOSÉ BENTO AMARO

O ANO LETIVO arrancou na segunda-feira e, de acordo com a Federação Nacional dos Professores (FENPROF), a enfermar dos mesmos males de anos anteriores. O distrito de Setúbal é o segundo com mais carências em todo o país. Faltam docentes e, segundo as estimativas efetuadas com base nos próprios números divulgados pelo Ministério da Educação, isso traduz-se em 285 horários por preencher e cerca de 25.000 estudantes afetados.

“Os números que recolhemos até segunda-feira dizem que faltam preencher 285 horários, o que equivale a 5.159 horas de aulas que afetam um total de 1.300 turmas, o que perfaz cerca de 25.000 alunos que, no início deste ano letivo, não têm aulas a, pelo menos, uma disciplina”, disse ao Semmais o responsável distrital da FENPROF, João Pereira.

Para o sindicalista os números deste ano “conseguem ser piores do que os do ano passado” e afetam, sobretudo, os alunos do 1.º ciclo, onde havia 42 horários por preencher, mas também os da disciplina de Português relativos ao 3.º ciclo e secundário, com 32 horários em falta, e Educação Especial, onde faltavam professores para 31 horários. “Estes números variam diariamente. Estão publicados durante um período de três dias. É, portanto, um mecanismo que não é estanque, porque todos os dias há novas ofertas e outras que saem da aplicação informática”, esclareceu.

Relativamente aos concelhos mais carenciados, com os dados a serem igualmente referentes a segunda-feira, constava-se que Almada tinha 69 horários por preencher, ao passo que no Seixal havia 44 ainda abertos. Já no Barreiro eram 26 e na Moita e em Setúbal havia 23 horários em cada. Os agrupamentos escolares Carlos Gargaté e Romeu Correia, com, respetivamente



IMAGEM DR

13 e 12 horários por preencher, e João de Barros, no Seixal (13 horários), eram à data os mais afetados.

“Perante os elementos estatísticos de que dispomos, é evidente que o arranque deste ano letivo revela maiores carências do que 2025/26. Por exemplo, no ano transato, entre os dias 28 de agosto e 2 de setembro, havia 1.700 horários por preencher. Este ano, no mesmo período, o número era na ordem dos 3.200”, adiantou o responsável sindical.

VELHOS ESTÃO CANSADOS... JOVENS SÃO MAL PAGOS

A generalidades dos professores colocados nos concelhos do distrito enquadraram-se no quadro que a FENPROF traça a nível nacional: São poucos, não se sentem atraídos em termos remunera-

tórios, fazem parte de grupos etários avançados e, não sendo naturais da região, deparam-se com grandes dificuldades para se poderem instalar em qualquer um dos concelhos da Península.

“Atualmente um professor de contratação de escola, caso cumpra um horário completo (35 horas semanais) pode ganhar um pouco mais de 1.100 euros limpos. Não é nada atrativo para quem se veja obrigado a alugar um quarto, sendo que os preços nunca são inferiores a 450 euros”, referiu João Pereira.

O dirigente da FENPROF disse, por outro lado, que mesmo com menor exigência de habilitações pedida aos candidatos a professores que não têm a via de ensino, mesmos que estes não pos-

suam a formação científica consignada no estatuto, há cada vez mais dificuldades em arregimentar o pessoal necessário; “Muitos dos professores em regime de contratação de escola preferem não dar aulas do que trabalharem oito ou dez horas semanais, sujeitando-se a um vencimento que fica abaixo do ordenado mínimo. Isso não é atrativo para nenhum jovem que tenha de procurar onde dormir, de viajar e, evidentemente, de se alimentar”.

O somatório das contrariedades enunciadas faz, diz João Pereira, com que atualmente a média de idades dos professores com vínculo à Função Pública ultrapasse os 50 anos de idade. “Muitos só conseguem vincular-se com 40 e muitos anos. A realidade é completamente ao contrário do que disse o ministro da Educação, afirmando que os professores metem baixas médicas para criarem dificuldades. O que se passa é que a classe está muito envelhecida e isso tem reflexos na situação clínica de cada um”.

“Estamos perante um barril de pólvora que pode rebentar a qualquer momento, com prejuízos incalculáveis para todos os estudantes. Atualmente reformam-se por ano cerca de 4.000 professores. Há um problema estrutural que afeta a classe e o ensino, que se encontra numa espécie de cuidados paliativos, que se agrava anualmente, mau grado as declarações dos membros do Governo. Podemos, à semelhança do que já aconteceu noutros anos, chegar ao final de um ano letivo com alguns alunos sem terem tido aulas a uma ou mais disciplinas”, concluiu o mesmo responsável. ■

Montenegro disse que península recebeu 600 novos docentes

Presente em Setúbal, onde decorreu a abertura oficial do ano letivo a nível nacional, o primeiro ministro, Luís Montenegro, garantiu que este ano a península de Setúbal recebeu 600 novos professores. O governante disse que estes docentes fazem parte de um total de 3.000 disponibilizados para reforçarem as zonas de maior pressão, que são Lisboa, Setúbal e o Algarve e que integram um leque que vai aos 9.000 e que terá sido colocado por todo o país. Montenegro desvalorizou as queixas e denúncias das estruturas sindicais dos docentes, afirmando que os números por estas divulgadas são, sobretudo, “números lançados ao ar e sem qualquer sustentação”. Montenegro aproveitou ainda a ocasião para afirmar que “a governação que nos antecedeu não produziu bons resultados”, mas que agora estão a ser garantidas “mais condições de acesso ao Ensino Superior e criadas melhores escolas profissionais que preparam os alunos para o mercado de trabalho”.

MINISTRA ADMITIU QUE PODE FAZER-SE FORNECIMENTO A PARTIR DE CASTELO DO BODE

Palmela pode ser a solução para abastecimento de água na península

Presidente da câmara de Almada agradada com sugestão do Governo. Autarquia do Seixal diz que essa proposta parece irreal, por só servir um concelho e ser demasiado dispendiosa. Paulo Silva diz que Palmela tem o maior e melhor aquífero da região e que só falta definir o investimento.

TEXTO JOSÉ BENTO AMARO



A **SOLUÇÃO** para a falta de água em alguns locais da península de Setúbal, sobretudo no concelho de Almada, pode passar pelas captações a realizar, em breve, no território de Palmela. Os estudos já efetuados revelam que ali existe o aquífero subterrâneo de toda a região mais abundante e com maior qualidade. Esta possibilidade quase afasta a hipótese de os vários concelhos poderem vir a ser abastecidos com água proveniente da Barragem de Castelo do Bode, situação que na semana passada foi aventada pela ministra do Ambiente.

“Fazer o abastecimento com água proveniente de Castelo do Bode parece-me uma medida que só iria servir um concelho, o de Almada. Seria, caso se efetuasse, uma solução demasiado dispendiosa. Creio, no entanto,

que essa hipótese nunca se irá concretizar, pois não parece viável em termos financeiros”, disse ao nosso jornal o presidente da Câmara Municipal do Seixal, Paulo Silva.

O autarca considera que a solução para os problemas de abastecimento doméstico está encontrada: “Basta que se façam os trabalhos respetivos no concelho de Palmela, onde, de acordo com os estudos já efetuados, existe o maior aquífero da Península e também aquele onde a água é de melhor qualidade, melhor até do que a de Castelo de Bode. Para além disso, em termos de custos, a solução de Palmela é muito mais barata. No mínimo custará sempre e pelo menos metade do preço”.

O autarca seixalense refere que os estudos relativamente a

Palmela já se encontram concluídos, pelo que atualmente “basta avançar com os investimentos, definir em que moldes os mesmos serão feitos”.

Já por parte da câmara de Almada, a possibilidade de o concelho ser abastecido com água de Castelo do Bode colhe simpatia. Em resposta por escrito à solicitação do Semmais, o executivo garante que “vimos com bons olhos o anúncio feito pela senhora ministra (Maria da Graça carvalho), porque nós estamos há quase um mês a trabalhar com a EPAL em relação à elaboração do eventual futuro contrato a fazer. Mas era importante garantir a autorização por parte do Governo para as Águas de Portugal (e da EPAL diretamente) fazerem um investimento de trazer água até à Margem Sul”. A solução, refe-

re a edilidade almadense, “está do lado das Águas de Portugal e da EPAL”.

SEIXAL E ALMADA AINDA COM CONTAS POR ACERTAR

Enquanto não são conhecidas as medidas a optar para o abastecimento da Península, dirime-se no tribunal a velha questão que opõe as câmaras de Almada e do Seixal. Em primeira instância, as autoridades judiciais condenaram a autarquia almadense a pagar dois milhões de euros à congénere seixalense, relativa a taxas de passagem de condutas pelo território desta.

“Não sabemos quando é que esta situação irá terminar, porque a Câmara Municipal de Almada apresentou recurso sobre a decisão da primeira instância e ainda não existe

uma decisão”, explicou Paulo Silva, acrescentando que mesmo com o contencioso assumido, o seu executivo continua a colaborar com Almada. “Neste momento há 27 furos da zona de Corroios que fornecem água a Almada. Eram 28, mas um colapsou. Depois, nessa mesma zona, há mais seis furos para abastecer a nossa freguesia. Existe, como facilmente se comprova, uma grande pressão. Ainda recentemente foi detetada uma ruptura numa conduta que abastece os nossos vizinhos, mas que estes negaram ser da sua responsabilidade. As reclamações da população foram todas encaminhadas para o Seixal e foi preciso explicar publicamente que o problema era da responsabilidade da outra autarquia”, adiantou o autarca, explicando que no dia 22 deste mês deverá ter lugar uma nova reunião entre os dois executivos para que Almada possa vir a dispor de mais um furo aberto no concelho do Seixal.

Questionada pelo Semmais, a autarquia de Almada adiantou, por escrito, que “os níveis de abastecimento de água estão controlados e restabelecidos”, depois de em agosto diversas freguesias do concelho terem ficado condicionadas devido à falta de água e de fugas verificadas nas condutas. ■

7 DIAS

APOIO DE 4,5 MILHÕES PARA AUTOCARROS DE EMISSÕES NULAS

O Governo criou na segunda-feira um sistema de incentivos destinado à aquisição de autocarros elétricos ou a hidrogénio para transportes públicos coletivos no Alentejo Litoral, com financiamento máximo de 4,5 milhões. Além dos municípios e da Comunidade Intermunicipal (CIM) do Alentejo Litoral, podem beneficiar dos apoios os operadores que assegurem serviços públicos de transporte de passageiros municipal ou intermunicipal neste território.

PORTO DE SETÚBAL SUBSTITUI PASSADIÇOS DA DOCA DE PESCA

O Porto de Setúbal está a requalificar os passadiços flutuantes da Doca de Pesca, num investimento de 384.130 euros

IGREJA DE NOSSA SENHORA DAS SALAS REABERTA AO PÚBLICO



Após dois anos de obras, a Igreja de Nossa Senhora das Salas, em Sines, reabriu ao público terça-feira. Além do presidente de câmara, a cerimónia contou com presença da ministra da Cultura, do presidente do Património Cultural e do bispo de Beja. Mandada construir por Vasco da Gama no século XVI, a igreja é Monumento Nacional desde 1922.

para reforçar as condições de segurança e operacionalidade desta infraestrutura de apoio à atividade marítima, foi anunciado segunda-feira. Segundo a APSS, a empreitada contempla a substituição dos passadiços flutuantes da linha 3, bem como dos passadiços longitudinais de apoio entre os alinhamentos 1 e 4.

BOA RÉPLICA DO RACING POWER APESAR DO RESULTADO FINAL

O Racing Power começou a Liga BPI com uma derrota frente ao Benfica e, apesar do resultado pesado de um 3-0 a favor das encarnadas, a equipa setubalense deu boa réplica às campeãs nacionais no domingo. Lúcia Alves inaugurou o marcador aos 20 minutos, mas o destino do jogo só ficou traçado na segunda parte com um golo de Nycole à passagem do minuto 63. Marit Lund, de penalti, fechou a contagem aos 86 minutos.



O importante é criar redundâncias na captação em alta, para que os concelhos não estejam dependentes da sua própria captação. Isto é criar um sistema resiliente ao nível da região

FREDERICO ROSA, presidente da CIM da península de Setúbal, sobre a captação de água na região

Em 2025 morreu uma pessoa a cada dez dias em consequência de acidentes no distrito

Distrito registou 36 vítimas mortais. Colisões e despistes são as principais causas das mortes. Este ano, em apenas seis meses, já morreram seis motociclistas. Na península reclama-se do trânsito, no Litoral as queixas são sobre o mau estrado das vias.

EM 2025, no distrito de Setúbal, morreu uma pessoa a cada dez dias em consequência de acidentes de viação ou atropelamentos, um número que colocou a região, à semelhança de outros anos, entre as de maior mortalidade no país. Este ano, nos primeiros seis meses, em consequência de sinistros com motos, já morreram seis pessoas. Despistes e colisões são as principais causas apuradas pela Autoridade Nacional de Segurança Rodoviária (ANSR).

A consulta aos dados estatísticos mais recentes da ANSR, relativos ao ano transato, dão conta de 2.886 acidentes no distrito, o que corresponde a mais cinco do que os verificados um ano antes. Também os números de mortes (31 contra 36), feridos graves (206 contra 229) e feridos ligeiros (3272 contra 3425) aumentaram. “Podem existir vários fatores que expliquem a crescente sinistralidade, seja em Setúbal seja no resto do país”, explicou um responsável da GNR contactado. “O mau estrado de algumas vias pode explicar alguns acidentes, mas a verdade é que a maior parte das ocorrências com mortes e feridos

graves ocorre, normalmente, em consequência de despistes e colisões, o que pode significar que, por vezes, se tenha verificado excesso de velocidade ou incumprimento de outras regras”.

Fazendo uma análise dos locais com vítimas mortais ocorridas em 2025, concluiu-se que apenas dois concelhos escaparam (Sines e Alcochete). No plano oposto encontram-se Palmela, com 11 vítimas mortais resultantes de dez acidentes graves, Setúbal e Seixal (cada qual com cinco em cinco) e Grândola) quatro em quatro). Sesimbra, Alcácer do Sal, Santiago do Cacém e Almada tiveram, cada um, dois acidentes em que perderam a vida, no total, duas pessoas. Já na Moita, Montijo e Sines houve notícia de apenas um sinistro em cada com uma vítima.

“Não podemos especular que os acidentes ocorrem com mais frequência em determinados concelhos do que noutros. O estado de conservação das vias é, muitas vezes, determinante. Mas as condições climáticas também o podem ser e, no entanto, mais de 80 por cento dos acidentes ocorrem



com bom tempo e apenas cerca de 17 por cento se devem à chuva. Mais preocupante será o facto de, na totalidade do país, cerca de 55 por cento dos sinistros terem origem no excesso de velocidade e um pouco menos terem resultado de colisões”, referiu ainda a fonte da GNR contactada pelo Semmais.

No ano passado, tendo apenas como referência os acidentes com mortos ocorridos no distrito, concluiu-se que 11 foram resultado de despistes. Já as colisões estiveram

na origem de 17 acidentes, dos quais resultaram e 18 vítimas mortais. No mesmo período foram também registadas sete vítimas mortais em consequência de atropelamentos.

ACIDENTES DE MOTO JÁ MATARAM SEIS PESSOAS

Já este ano, no primeiro semestre, a GNR registou no distrito 340 acidentes envolvendo motociclos. Dos mesmos resultaram seis mortos, número idêntico ao contabilizado em Aveiro, com mais uma vítima dos que ocorreram no distrito

do Porto e apenas suplantado por Santarém (oito falecidos) e Faro (sete).

O nosso jornal contactou também duas comissões de utentes de transportes nos concelhos da península de Setúbal e do Litoral Alentejano. No primeiro caso a responsável local, Aurora Almeida, referiu que mesmo não havendo uma contabilidade oficial relativa à sinistralidade rodoviária, os números da ANSR “mostram que existe, sem dúvida alguma, um excesso de automóveis em circulação”. Já Dinis Silva, reportando-se aos concelhos alentejanos, aponta para as más condições das estradas: “No ICI, entre Palmela e Alcácer do Sal, há 14 quilómetros de estrada que aguardam reparação há 15 anos. A nacional 253, entre a Comporta e Montemor-o-Novo está cheia de buracos, o mesmo se passa na 120, entre o Cercal do Alentejo e Santiago do Cacém. São estradas muito sinuosas e por onde circulam muitos pesados transportando matérias perigosas. Zonas onde os acidentes e os estragos são constantes”.

TEXTO JOSÉ BENTO AMARO

Cercima celebra meio século de trabalho inclusivo

A **COOPERATIVA** de Educação, Reabilitação, Capacitação e Inclusão de Montijo e Alcochete (Cercima) assinala 50 anos num momento que Cristina Dias, presidente do conselho de administração, descreve como de crescimento e consolidação.

Criada por famílias e técnicos que procuravam resposta para crianças afastadas do ensino regular, a instituição alargou a intervenção a várias fases da vida, mas mantém como eixo a inclusão de pessoas com limitações e deficiência. “Há 50 anos estas pessoas estavam escondidas. Hoje fazem parte da comunidade”, sublinha a dirigente.

Essa mudança e expansão traduz-se numa relação mais próxima com o território.

Longe de estar “fechada entre quatro paredes”, como salienta Cristina Dias, a Cercima leva hoje respostas a escolas, empresas e espaços públicos, em articulação com parceiros locais.

O apoio começa na primeira infância, junto de grávidas e crianças até aos seis anos, e prossegue, entre outras valências, no Centro Sócio-Educativo e no Centro de Recursos para a Inclusão (CRI), que acompanha alunos nos agrupamentos escolares, na formação profissional e na empregabilidade inclusiva. Nesta área “as oficinas são as empresas”, onde os formandos ganham competências em contexto real de trabalho, com estágios e acompanhamento técnico,

para que se encontre “a pessoa certa para o lugar certo”.

A intervenção inclui ainda projetos comunitários, atividades artísticas, dança inclusiva e ações de sensibilização nas escolas, reforçando a participação cidadã e o combate ao isolamento.

Entre os projetos em destaque está a Casa do Moinho, lar residencial em fase final de construção com capacidade para 30 pessoas, que precisam de apoio continuado. O espaço resposta deverá abrir ainda este ano e representa um investimento superior a 2,6 milhões, dos quais mais de 1,8 milhões suportados pela Cercima.

Segundo Cristina Dias, em 2025 a instituição respondeu a 3824 pessoas, com uma equipa



de mais de 80 trabalhadores. A cooperativa acompanha ainda anualmente mais de 300 alunos através do CRI e 60 a 70 formandos na formação profissional.

Para o futuro, a presidente aponta como prioridades a criação de novas respostas e o reforço de metodologias centradas na pessoa, em que cada

utente participa nas decisões sobre o seu percurso. “A inclusão hoje faz-nos ainda mais sentido, porque estamos inseridos na comunidade. Existe alguma abertura para estas pessoas serem incluídas e elas também querem fazer parte do mundo e da cidadania”, conclui.

TEXTO DAVID MARCOS

Federação dos Bombeiros do distrito reclama reforço da frota automóvel

A FEDERAÇÃO dos Bombeiros do Distrito de Setúbal (FBDS), que engloba 26 corporações, alertou esta semana para o envelhecimento da frota, com as viaturas a terem uma média de idades entre os 25 e os 30 anos, e lamentou que no Plano de Recuperação e Resiliência (PRR) não tenham sido inscritas para a renovação da frota.

Num comunicado assinado pelo presidente da FBDS, João Ludovico, os bombeiros dizem que as atuais carências não podem ser vistas apenas como uma questão de modernização, mas como “uma questão de capacidade operacional e de segurança e proteção de vidas”.

“A Federação manifesta a sua preocupação pelo facto de no âmbito do PRR e de outros programas de apoio e fundos comunitários destinados à renovação e reforço dos meios de proteção e socorro, o distrito de Setúbal - com

Viaturas têm em média entre 25 e 30 anos. Profissionais lembram que não foram contemplados por verbas do PRR ou outras comunitárias e que, no entanto, prestam serviço em todo o país.

particular incidência na Península - não ter beneficiado da atribuição de viaturas destinadas à renovação ou reforço da sua capacidade operacional”, refere a FBDS.

Considerando que o estado tem a obrigação de atender aos problemas enunciados, a Federação diz ser



esforço é realizado sem deixar de assegurar a capacidade de resposta às populações do próprio distrito de Setúbal, o que demonstra a importância estratégica dos bombeiros deste território no sistema nacional de proteção e socorro”, afirma a FBDS.

Salientando que “a atual realidade merece uma reflexão séria por parte das entidades responsáveis”, os dirigentes distritais afirmam que “não é razoável exigir aos bombeiros que mantenham uma elevada capacidade operacional, que estejam disponíveis para apoiar missões em qualquer ponto do território nacional e que, simultaneamente, continuem a garantir a resposta diária às suas comunidades sem que sejam assegurados os meios adequados para cumprir a sua missão em condições de segurança e eficácia”. ■

TEXTO JOSÉ BENTO AMARO

“essencial que sejam criados ou reforçados programas específicos de financiamento para aquisição e renovação de viaturas de combate a incêndios”. “O distrito de Setúbal deve ser incluído de forma efetiva nas próximas oportunidades de financiamento público e comunitário

destinadas à proteção Civil e aos bombeiros”, dizem.

Os bombeiros setubalenses entendem que o esforço e desgaste do material que lhes é exigido todos os anos, com o reforço no combate a sinistros ocorridos em todo o país, deve ser reconhecido pelas autoridades governamentais. “Este

PUBLICIDADE

ENCONTROS COM A REGIÃO

Plano Estratégico da Península de Setúbal 2028-2034



21/09 - 14h30

Barreiro

Casa da Cidadania
Caboz Gonçalves

Saúde, Habitação,
Demografia
e Coesão Social



22/09 - 14h30

Sesimbra

Escola Conde Ferreira

Turismo,
Cultura, Desporto,
Identidade
e Atratividade
Territorial

SESIMBRA

23/09 - 14h30

Setúbal

Auditório Charlot

Ambiente,
Agricultura, Pescas
e Resiliência
Territorial



24/09 - 14h30

Almada

Fórum Romeu Correia
(Sala Pablo Neruda)

Economia,
Emprego, Inovação
e Qualificação

ALMADA

25/09 - 14h30

Seixal

Auditório dos Serviços
Centrais da CMS

Mobilidade,
Infraestruturas,
Ordenamento
e Conectividade



Apoios:

CEIT



NOVA
FACULDADE DE
CIÊNCIAS E TECNOLOGIA

**UNIVERSIDADE
POLITECNICA
SETUBAL**

Inscrições gratuitas em: geral@cim-peninsuladesetubal.pt

#PenínsulaDeSetúbal #ANossaForçaComum

EMPRESA VAI ATINGIR OS 120 MILHÕES TRAÇADOS PARA ESTE ANO



IMAGEM DR

Lisnave já recusa intervenções em navios por falta de espaço

A empresa irá chegar ao final do ano com o objetivo financeiro de 120 milhões de euros cumprido. Estão em curso trabalhos para construção da oficina que irá acolher navios de transporte de gás. Aumentam as valências e também a possibilidade de renovação da concessão.

TEXTO JOSÉ BENTO AMARO

A UM ANO do final da concessão, os estaleiros navais da Lisnave, na Mitrena, estão em pleno processo de modernização para poderem receber novas embarcações e com características diferenciadas das que habitualmente ali ocorrem. O volume de negócios previsto para 2026 está praticamente assegurado, depois de o primeiro semestre ter ficado aquém das expectativas. Até ao momento, o principal es-

taleiro nacional, por ter todos os meios de trabalho ocupados, já se viu obrigado a recusar ceder as docas, por falta de espaço, a 40 navios que ali tentaram fazer inspeções.

As seis docas que a empresa possui, três delas capazes de receberem navios até 280 metros e duas outras capazes de comportar porta-contentores e embarcações de transporte de granéis, têm registado uma ocu-

pação permanente desde o início do verão. “Há inspeções que são obrigatórias. Muitos armadores, devido à guerra, arrastaram, por questões financeiras, os prazos até ao limite. Agora é necessário fazer todo um conjunto de trabalhos, e a Lisnave reúne condições para tal, uma vez que podemos fazer reparações no aço, na mecânica, na propulsão, na pintura. Esta especialização, porque nestes estaleiros efetuam-se todos

os trabalhos, faz com que a procura seja muito grande, mas, por dificuldades em arranjar espaço para todos, já foram recusados 40 navios”, explicou ao Semmais Ricardo Seródio, responsável pela área de comunicação da empresa.

VOLUME DE NEGÓCIO É TRUNFO PARA NOVA CONCESSÃO

O grande fluxo de embarcações fará com que, no final

do ano, a empresa tenha atingido os 120 milhões de euros previstos inicialmente. Este será um dos trunfos que serão apresentados quando chegar a altura de o Estado entregar a nova concessão dos estaleiros. Para além da Lisnave, que já ali labora desde 1997, há ainda pelo menos mais duas empresas nacionais e cinco estrangeiras interessadas na concessão (o processo está entregue à administração dos Portos de Lisboa e Setúbal).

De acordo com Ricardo Seródio, a Lisnave terá à sua disposição, até final do ano, uma oficina de criogenia. Trata-se de um equipamento específico que irá permitir fazer trabalhos a temperaturas negativas (abaixo dos 160 graus negativos) que irá possibilitar a reparação de navios de transporte de gás, normalmente com mais de 300 metros de comprimento. “É mais uma oportunidade de mercado que se abre, com a prestação de um serviço fundamental e que irá aumentar o volume de trabalho. Esta oficina até já deveria estar a funcionar, mas existiram atrasos devido às tempestades que no início do ano causaram elevados estragos na região de Leiria, onde está localizada a empresa responsável pela obra”, explicou o responsável contactado.

Atualmente a Lisnave tem 450 operários à sua responsabilidade, sendo que o número total de trabalhadores, contando com os das empresas subcontratadas, ultrapassa os dois milhares. ■

Sines reforça ligação a Roterdão na transição energética dos portos

Administração portuária participou numa missão centrada na inovação, digitalização, cibersegurança e sustentabilidade no setor.

A ADMINISTRAÇÃO dos Portos de Sines e do Algarve (APS) participou esta semana numa missão institucional a Antuérpia e Roterdão centrada na inovação, digitalização, cibersegurança e sustentabilidade no setor marítimo-portuário. A iniciativa permitiu, também, dar continuidade à relação desenvolvida entre Sines e o porto neerlandês em projetos ligados à transição energética e aos combustíveis verdes.

Realizada entre os dias 14 e 17 deste mês, a missão, de acordo com a nota enviada à nossa redação, reuniu as administrações portuárias portuguesas num programa de visitas, demons-

trações tecnológicas e contactos com empresas e entidades ligadas à “logística, sistemas autónomos, segurança e novas soluções energéticas”. Jaime Puna, membro do Conselho de Administração, representou a APS num roteiro que incluiu ainda a Port of the Future Week 2026, em Antuérpia.

Foi já em Roterdão que decorreu a última etapa da agenda, com a conferência “Portos em Transição: Construir Ecossistemas Resilientes”. O encontro marcou o encerramento dos projetos europeus “PIONEERS” e “MAGPIE”, liderados, respetivamente, pelos portos de Antuér-

pia e Roterdão. Sines integra o segundo enquanto “fellow port” e Jaime Puna participou na conferência como orador.

Essa ligação a Roterdão estende-se, contudo, para além do “MAGPIE”, com os dois portos a desenvolverem uma cooperação na área da transição energética, onde se incluiu a criação de um corredor verde destinado ao transporte de combustíveis alternativos entre Portugal e o noroeste da Europa.

Recorde-se que em 2024, o projeto ganhou uma nova dimensão através de um memorando assinado pelos portos de Sines, Roterdão e Duisport, na



IMAGEM DR

Alemanha, e pela Madoqua, uma empresa ligada ao desenvolvimento de projetos na produção de químicos e gases verdes. O acordo apontava para uma cadeia logística destinada a combustíveis alternativos e matérias-primas baseadas em derivados de hidrogénio, incluindo amoníaco e metanol sintéticos, além de produtos como CO2 liquefeito.

Associado a esta estratégia foi também anunciado, na altu-

ra, um investimento de 500 milhões de euros da Madoqua num terminal de armazenamento e abastecimento de combustíveis verdes no Porto de Sines. A infraestrutura foi projetada para avançar por fases, começando pelo amoníaco sintético e posteriormente abrangendo metanol, combustível sustentável para aviação e CO2. ■

TEXTO DAVID MARCOS

CONCELHIA SOCIAL-DEMOCRATA VAI PEDIR REUNIÕES À CÂMARA E SMAS

PSD quer mudar gestão dos resíduos para reduzir peso na fatura da água

Social-democratas defendem expansão do porta-a-porta em Azeitão e nas zonas de moradias e contentores de proximidade nas áreas mais densas. Informação aos cidadãos é outra das apostas.

TEXTO DAVID MARCOS

O PSD DE SETÚBAL defende uma alteração do modelo de gestão de resíduos no concelho, com maior aposta na separação e reciclagem e na divulgação dos resultados alcançados, como forma de reduzir os custos suportados pelos munícipes através da fatura da água.

Em declarações ao Semmais, Paulo Pisco, presidente da concelhia, afirma que o partido mantém a oposição ao aumento das tarifas, mas considera que a discussão não deve ficar limitada aos valores cobrados, identificando a gestão dos resíduos como uma das questões de fundo.

“Se a tendência é para que os resíduos sejam cada vez mais caros de gerir, só temos uma maneira de resolver isto: melhorar a eficiência e mobilizar as pessoas e os serviços, para que produzamos cada vez menos resíduos que tenham de ir para aterro e que não tenham outro tipo de solução”, defende.

A posição foi recentemente formalizada através de uma petição dirigida à câmara de Setúbal e aos Serviços Municipalizados de Setúbal (SMS), na qual o PSD propõe um modelo misto de recolha.

Entre as medidas está a expansão do sistema porta-a-

-porta a Azeitão e às zonas de moradias, complementada pela instalação de contentores inteligentes de proximidade, com acesso através de cartão ou aplicação, nas áreas de maior densidade populacional.

Os social-democratas defendem ainda um maior envolvimento dos cidadãos no cumprimento das metas europeias de reciclagem, considerando que o aumento dos custos não deve contribuir para uma redução dos níveis de separação dos resíduos.

Outra das propostas passa pela divulgação periódica dos resultados alcançados, através

de mensagens mensais sobre a evolução da reciclagem, informação nas faturas relativa aos montantes gastos ou poupados e painéis digitais com indicadores do desempenho do concelho.

“Não tendo a perspetiva do que está a acontecer, é mais complicado motivarmos as pessoas a participar. Esta era uma forma de sabermos como é que estas metas estavam a evoluir no concelho e como é que todos estávamos a contribuir para que isso acontecesse”, explica.

Sobre os valores cobrados pela Amarsul, o dirigente social-democrata admite que a

questão deverá ser discutida, embora não constitua o centro das propostas apresentadas. O objetivo, sustenta, passa sobretudo por reduzir a quantidade de resíduos encaminhados para aterro, independentemente dos custos associados ao tratamento.

Paulo Pisco confirma ainda que o PSD já solicitou reuniões com a câmara e os SMS para apresentar as propostas. “Esperamos ajudar a construir este caminho. Escolhemos algumas das formas como vemos que poderia ser feito, mas estamos disponíveis para aprofundar o tema”, conclui. ■

PUBLICIDADE

**CERIMÓNIA
DE ENTREGA DE MEDALHAS
DE MÉRITO DESPORTIVO**

**Pavilhão Municipal
Luís de Carvalho**

26 SETEMBRO 21h

**GALA DO
DESPORTO**
BARREIRO · 2026

Barreiro
Câmara Municipal

AUTARQUIA SADINA CONTINUA FOCADA EM MELHORAR A ÁREA DA EDUCAÇÃO

Setúbal conta investir 91 milhões de euros na requalificação de escolas

Município prepara obras em quatro estabelecimentos e a construção de um novo centro escolar, com intervenções elegíveis para financiamento através do PRR.

TEXTO DAVID MARCOS

A CÂMARA de Setúbal prevê investir 91 milhões de euros na requalificação profunda de quatro escolas e na construção de um novo centro escolar, num conjunto de intervenções que se encontra em fase de concurso e é elegível para financiamento através do Plano de Recuperação e Resiliência (PRR).

O investimento abrange as escolas Básica 2,3 Barbosa du Bocage, Secundária du Bocage, Básica 2,3 de Aranguez e Básica 2,3 de Azeitão, além de um novo centro escolar na Quinta da Amizade.

Para já, a autarquia está a desenvolver os procedimentos para a adjudicação das empreitadas, enquanto decorrem os processos de financiamento. Maria do Carmo Tiago, vice presidente da câmara de Setúbal, adiantou ao Semmais que já foi validada, através da

Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional (CCDR), uma verba superior a 15 milhões de euros para a intervenção na Secundária du Bocage. “Estamos a aguardar o desenvolvimento dos outros procedimentos, dos outros processos, a nível de financiamento, mas estamos a contar com os 91 milhões”, afirmou.

Para a autarca, as obras são necessárias para adequar as infraestruturas às atuais exigências educativas e responder ao estado de conservação dos estabelecimentos. “O que nos move é dar condições aos alunos, às famílias, aos professores, aos auxiliares e a todas as pessoas que trabalham nestes estabelecimentos, porque estão muito velhos, estão decrépitos e era preciso tomar aqui uma iniciativa”, justificou.

Maria do Carmo Tiago defende que a intervenção deve



contribuir para a valorização da escola pública, através de melhores condições para toda a comunidade educativa e de uma resposta mais adequada às atuais necessidades.

Na última semana foi também inaugurado o novo Centro Escolar Barbosa du Bocage, uma obra superior a 5,36 milhões de euros. Do investimento, 4,22 milhões foram assegurados pelo PRR e fundos

NextGenerationEU e cerca de 1,13 milhões pelo município.

DIFICULDADES NA COLOCAÇÃO DE ALUNOS

No arranque do ano letivo, a vice presidente do município reconheceu dificuldades na colocação de alguns alunos, embora considere que o processo decorreu de forma semelhante ao verificado em anos anteriores.

A situação levou à abertura, na última semana, de mais uma turma na Escola D. Manuel Martins, devido à existência de crianças ainda sem colocação. Alguns alunos foram igualmente encaminhados para estabelecimentos de ensino mais distantes da residência.

A autarquia pretende agora avaliar a possibilidade de transferir algumas dessas crianças para escolas mais próximas de casa. Segundo confirmou ao Semmais Maria do Carmo Tiago, o assunto já foi abordado com o ministro da Educação.

Quanto à colocação de professores, a vice-presidente não apresentou dados relativos à totalidade do concelho. No Agrupamento de Escolas Barbosa du Bocage, onde foi inaugurado o novo Centro Escolar e estudam mais de 2300 alunos, garantiu, contudo, que os docentes “estão a ser colocados” e que existem “professores para todas as disciplinas e turmas”. ■

Câmara de Alcochete quer assegurar continuidade da Fundação das Salinas

Atualmente o complexo, turístico, lúdico, ambiental e educativo, é mantido pela Lusoponte, que criou a Fundação em 1994. A concessão da Ponte Vasco da Gama termina em 2030 e com ela pode ser também anunciado o fim do complexo.



O EXECUTIVO da câmara de Alcochete pretende que o Governo assegure de imediato a continuidade da Fundação das Salinas do Samouco, mesmo que em março de 2030, quando terminar a concessão da Ponte Vasco da Gama à Lusoponte (entidade que por contratualização ficou encarregue de criar e gerir o empreendimento), a exploração seja entregue a outro organismo.

“É muito importante a continuidade da Fundação que assegura uma série de atividades de carácter lúdico, histórico, ambiental e educativo”, diz ao Semmais o presidente do município, Fernando Pinto, lembrando que o final da concessão deverá ocorrer dentro de menos de quatro anos e que, até ao momento, o município não tem qualquer sinal sobre a continuidade da Fundação e em que moldes a mesma poderá ser assegurada.

Fernando Pinto diz que a importância das salinas se mede pelo número de visitantes que atraem e também pelas atividades ali realizadas e que “contribuem para manter viva a memória de um município para o qual foram determinantes, durante muitas décadas, os trabalhos relacionados com a extração, rapagem, transporte e comercialização do sal”. “Atualmente são muito importantes para todo o concelho, sobretudo em termos turísticos. Preservam a memória laboral e contribuem para atividades diversas, como seja a observação de pássaros ou o ensino de práticas e tradições ancestrais”, frisa, realçando a importância do Festival, um evento que decorre no dia 19 de setembro e onde irão realizar-se recreações históricas da rapação do sal, visitas guiadas, observação de aves, ateliês e workshops e

até um mercadinho onde serão vendidos produtos regionais.

Refira-se que as salinas do Samouco surgem mencionadas em documentos que datam do século XII. Foram, desde então, um importante polo económico e laboral. Entre 1932 e 1936 os mais de 50 locais de onde era extraído sal empregaram 1.500 pessoas. Houve produções na ordem das 100 mil toneladas anuais. O “ouro branco”, como então era designado, era transportado para Lisboa através do Tejo. Da capital era vendido para todo o país (foram as mais importantes salinas de Portugal) e também exportado.

Com a construção da Ponte Vasco da Gama, em 1994, acabaram por desaparecer 360 hectares do complexo. Das dezenas de salinas resta agora apenas uma, a Marinha do Canto, de onde ainda se mantém a produção artesanal de sal marinho e flor de sal. É este local que é mostrado aos visitantes, sobretudo à população estudantil dos vários concelhos limítrofes. ■

TEXTO JOSÉ BENTO AMARO

INTERVENÇÃO NO ESTUÁRIO DO TEJO IMPULSIONADA PELA WWF



Cavalos-marinhos encontram novos abrigos no fundo do Tejo

Projeto de conservação está a criar habitats artificiais na Trafaria para proteger duas espécies de cavalos-marinhos. O trabalho, iniciado em 2019, já permitiu identificar uma comunidade significativa, estimada em cerca de três dezenas de indivíduos.

TEXTO DAVID MARCOS

DIANA RODRIGUES, Mariana Coxey e Mário Rolim desaparecem nas águas do Tejo. Na margem, junto aos enormes silos de cereais da Trafaria, Gonçalo Silva acompanha atentamente a operação. Lá em baixo, a missão é procurar cavalos-marinhos, observar os habitats onde vivem e perceber se os novos abrigos artificiais estão a cumprir a função para que foram colocados.

Durante hora e meia a duas horas, os mergulhadores vão percorrer o fundo da baía. Não é uma tarefa simples. A água pode tornar-se praticamente opaca e, para evitar que alguém se desoriente, foi instalado um cabo que serve de guia aos mergulhadores.

“Hoje até nem está muito mau, mas há dias em que a visibilidade debaixo de água é péssima. Por questões de segurança, tivemos de instalar um cabo para que os nossos mergulhadores não se percam”, explica ao Semmais Gonçalo Silva, mergulhador científico e investigador responsável pela intervenção subaquática da Mardive – Associação Ciência e Educação para Conservação da Biodiversidade Marinha.

É neste ambiente pouco convidativo que duas das espécies mais emblemáticas do estuário encontram alimento, abrigo e espaço para se reproduzir: o cavalo-marinho-comum e o cavalo-marinho-de-focinho-longo. A primeira espécie pode atingir cerca de 15 centímetros; a segunda chega aos 33.

Pequenos, camuflados e pouco dados a grandes deslocamentos, os cavalos-marinhos são difíceis de encontrar. Gonçalo Silva sabe-o bem. “São espécies

raras, difíceis de encontrar e identificar, apesar de não serem exímias nadadoras. Por norma, encontramos um ou outro indivíduo. Quando mergulhei aqui pela primeira vez, encontrei facilmente 10 a 12 e percebi logo a riqueza que tínhamos.”

A descoberta ajudou a confirmar aquilo que os investigadores já suspeitavam: o estuário do Tejo guarda uma população de cavalos-marinhos que merece ser estudada e protegida. Mas o mesmo ambiente que lhes oferece condições para sobreviver é também profundamente marcado pela presença humana.

QUANDO O LIXO SERVE DE ABRIGO

Debaixo de água, o lixo acumula-se entre os fundos do estuário. Plásticos, metais e outros objetos podem transformar-se, inesperadamente, em estruturas onde os cavalos-marinhos se fixam.

A explicação está na própria biologia destes animais. Precisam de estruturas a que possam agarrar-se e, perante a escassez de vegetação ou outros suportes naturais, podem recorrer ao que encontram.

“Quando encontram estruturas artificiais, como o lixo, podem usá-las como local de reprodução ou de caça. Apesar de pequenos, são caçadores eficazes e alimentam-se sobretudo de plâncton e pequenos crustáceos”, explica Gonçalo Silva.

Mas a aparente adaptação não deve ser confundida com benefício. O lixo continua a ser uma ameaça para o ecossistema. “A longo prazo, é muito negativo, causa enormes problemas e só pode ser combatido



com sensibilização e trabalho com a comunidade”, alerta o investigador.

É aqui que entram os carrinhos de supermercado.

CARRINHOS DE SUPERMERCADO NO FUNDO DO TEJO

A imagem parece insólita: carrinhos de supermercado, já sem utilidade para quem os usava em terra, repousam agora no fundo do estuário. Mas, neste caso, foram colocados de forma deliberada para criar estruturas de abrigo e favorecer a recuperação do habitat dos cavalos-marinhos.

A operação acompanhada pelo Semmais serviu para monitorizar a instalação destes habitats artificiais em três zonas da baía da Trafaria. É a primeira etapa da iniciativa D-EVOLUÇÃO no Estuário do Tejo, desenvolvida pela WWF Portugal em parceria com a Mardive e com o apoio do Lidl Portugal, da Solveira e dos Pastéis de Belém.

Antes de os carrinhos chegarem ao fundo do Tejo, houve outro trabalho, feito em terra: ouvir quem conhece o estuário há décadas.

A escolha dos locais contou com a participação da comunidade local, nomeadamente dos pescadores, que ajudaram a identificar as zonas mais adequadas para a instalação das estruturas.

“Fizemos um diagnóstico com a comunidade para perceber a importância do projeto. Os pescadores ajudaram a definir o melhor local para os carrinhos, tendo em conta as correntes e o comportamento do rio”, explica Rita Sá, coordenadora de Conservação Marinha e Pescas da WWF Portugal.

A estratégia é simples na formulação, mas complexa na execução: proteger os animais começa por recuperar os lugares onde vivem. Rita Sá sabe-o bem: “Para conservar uma espécie, temos primeiro de restaurar e proteger os seus habitats”.

Os carrinhos são, por isso, apenas uma peça de uma intervenção mais ampla. Nos próximos anos está prevista a remoção de resíduos submersos que constituam uma ameaça para a biodiversidade e a criação de melhores condições de abrigo para as espécies.

O objetivo final é recuperar o habitat dos cavalos-marinhos e contribuir para a restauração dos ecossistemas estuarinos até 2030.

UMA POPULAÇÃO AINDA POR CONHECER

O trabalho de conservação e monitorização destas espécies no estuário do Tejo não começou agora. As primeiras ações remontam a 2019 e, desde então, investigadores e organizações ambientais têm procurado conhecer melhor uma população que permanece, em grande medida, escondida aos olhos de quem vive à superfície.

Os dados disponíveis apontam para uma comunidade estimada em cerca de três dezenas de indivíduos. É um número que, embora significativo, ainda não permite retirar conclusões definitivas sobre a evolução da população.

É precisamente por isso que os mergulhos continuam. Cada observação acrescenta uma pequena peça ao puzzle de um ecossistema onde a atividade humana e a natureza convivem, nem sempre pacificamente.

Segundo os dados fornecidos pela WWF ao Semmais, o investimento total previsto para a intervenção ultrapassa os 510 mil euros. Até ao momento, foram angariados 97,5 mil euros através das empresas apoiantes e de outros parceiros individuais.

No fundo do Tejo, entretanto, os novos abrigos começam a ganhar outra vida. O que em terra seria apenas um carrinho abandonado pode, debaixo de água, transformar-se numa estrutura onde um cavalo-marinho se fixa, procura alimento ou encontra um lugar para se reproduzir.

A verdadeira questão, porém, é saber se estes abrigos serão apenas uma solução temporária ou o primeiro passo para devolver ao estuário condições naturais capazes de dispensar, no futuro, a ajuda dos carrinhos. ■

MOSTRA TRANSFORMA CIDADE EM PALCOS E APROXIMA CRIAÇÃO ARTÍSTICA DA COMUNIDADE

Sines volta a pôr as artes na rua

A M.A.R. regressa esta sexta-feira com 21 projetos de quatro países e cerca de 30 apresentações. Circo, dança, teatro físico, música e performances ocupam o Castelo, a Praia Vasco da Gama, a antiga Estação de Comboios e vários largos e ruas da cidade.

TEXTO DAVID MARCOS

DURANTE três dias, Sines transforma-se num palco a céu aberto. A Mostra de Artes de Rua (M.A.R.) regressa esta sexta-feira para a oitava edição, com 21 projetos de quatro países e cerca de 30 apresentações, numa programação que procura levar a criação artística ao encontro da cidade e de quem nela vive.

Circo contemporâneo, dança, teatro físico, música, instalações e performances vão ocupar espaços tão diferentes como o Castelo, a Praia Vasco da Gama, a antiga Estação de Comboios, a Alameda da Paz e vários largos e ruas.

Entre as propostas estão “B.O.B.A.S”, da espanhola Jimena Cavalletti, “Bien Parado”, dos franceses Collectif La Méandre, e trabalhos de Daniel Seabra/Circo Caótico, Fika, Diana Niepce, Ertza e Cie. Balbàl. O sábado concentra 14 espetáculos, incluindo propostas de Kiaï, Circo Carpa Diem, Laia Santanach e Manolo Alcántara. Deabru Beltzak apresenta “Su Talka”,



um espetáculo de fogo. No domingo, a mostra encerra com “Possê”, da espanhola Sound de Secà.

“Queremos devolver a cidade às pessoas”, explica Julieta Aurora Santos, diretora e fundadora do Teatro do Mar, companhia responsável pela M.A.R.

A ideia é que o público não se limite a assistir, mas caminhe, permaneça e redescubra os “espaços comuns” de Sines.

A escolha ganha outra dimensão numa cidade marcada pelo crescimento populacional e por uma comunidade cada vez mais multicultural. Para

Julieta Aurora Santos, a cultura e as artes podem funcionar como instrumentos de “aproximação e de reconhecimento”.

É também nesse sentido que define a M.A.R. como um “ato de resistência”. “É resistir ao esquecimento, ao anonimato, ao abandono, à não comu-

nicação e ao distanciamento que as pessoas têm umas das outras e do território onde vivem”, afirma.

QUATRO DÉCADAS EM PROL DA CULTURA

Com 40 anos de atividade e presença em mais de uma centena de festivais europeus, o Teatro do Mar transporta para a mostra uma longa experiência de criação em espaço público. A M.A.R., diz a diretora, “consolida esse percurso” e representa igualmente um passo na afirmação da companhia enquanto programadora.

A seleção dos projetos obedece a critérios de “diversidade, qualidade, contemporaneidade” e à capacidade de cada criação estabelecer uma relação com o público. Em alguns casos, é o próprio espaço que determina a escolha: identifica-se o lugar e procura-se depois o espetáculo que melhor dialoga com ele.

O crescimento da assistência trouxe novos desafios. Alguns espetáculos são repetidos ou apresentados em simultâneo para distribuir o público e garantir melhores condições de visibilidade.

Todas as apresentações são gratuitas. A M.A.R. tem direção artística e produção do Teatro do Mar, coprodução da câmara de Sines e financiamento da Direção-Geral das Artes. ■

Casa da Cerca transforma-se em território de desenho

Do mural coletivo à caligrafia persa, passando pelo desenho com comida, modelo nu, experiências com luz ou uma “Discoteca do Desenho”, a primeira edição do Traço Contínuo propõe 12 oficinas orientadas por 11 artistas.

DURANTE 24 horas, a Casa da Cerca – Centro de Arte Contemporânea, em Almada, transforma-se num espaço de experimentação em torno do desenho. A primeira edição de “Traço Contínuo: 24 horas a desenhar” decorre este fim de semana e está associada aos 25 anos de “O Chão das Artes – Jardim Botânico”.

Mais do que uma sucessão de oficinas, a iniciativa pretende criar um momento de encontro entre artistas e públicos diferentes. “Queremos criar um momento de encontro, participação e experimentação”, ex-

plica ao Semmais Nuno Moura, responsável pela Casa da Cerca, que vê o desenho como uma prática “transversal, acessível e capaz de aproximar as pessoas”.

A programação recupera formas clássicas de desenhar, como o mural, a natureza-morta, o figurativo e a caligrafia, mas coloca-as em contextos contemporâneos e participativos. O objetivo é mobilizar quem já frequenta a Casa da Cerca, mas também, “sobretudo pessoas que não a conhecem ou que não a frequentam com tanta regularidade”.

São 12 oficinas, com início de duas em duas horas, orientadas por 11 artistas. Entre as propostas estão um mural coletivo, desenho com comida, sessões com modelo nu, experiências com luz, uma “Discoteca do Desenho”, aguarela ao nascer do dia e caligrafia persa.

Uma das intervenções ficará para além das 24 horas. O mural orientado por Manoel Quitério, no Parque de Escultura, assinala os 25 anos do Jardim Botânico e deverá permanecer no local “pelo menos, até ao próximo Traço Contínuo”, segundo Nuno Moura.



A relação entre criação artística e espaço é levada também às antigas Piscinas de São Paulo, onde será apresentada “A forma é vazia”, uma intervenção site-specific de Joana da Conceição. O programa inclui ainda uma performance musical ao nascer do sol, concebida para explorar as características acústicas do antigo edifício.

O espaço tem atualmente uma utilização “residual”, devido à necessidade de intervenções, explica Nuno Moura. A abertura pontual resulta do interesse da artista pelas características do antigo complexo e

permite testar a relação entre criação, arquitetura e património, sem antecipar uma utilização permanente.

A continuidade do “Traço Contínuo” está também em cima da mesa. Embora esta primeira edição esteja ligada ao aniversário do Jardim Botânico, “existe a intenção de dar continuidade à iniciativa nos próximos anos”, revela o responsável. A periodicidade, o formato e a programação serão definidos depois de avaliada a experiência e a adesão do público. ■

TEXTO DAVID MARCOS

“Carta ao Corpo Que Luta” sobe à cena no Fórum Cultural do Seixal



IMAGEM DR

Criação de São Castro, interpretada por Beatriz Mira, inspira-se na obra “Novas Cartas Portuguesas”, de Maria Isabel Barreno, Maria Teresa Horta e Maria Velho da Costa.

“**CARTA AO CORPO** Que Luta” leva este sábado no Auditório Municipal do Fórum Cultural do Seixal uma reflexão sobre liberdade, identidade e a forma como estas questões se inscrevem no corpo. Criado por São Castro e interpretado por Beatriz Mira, o solo de dança inspira-se na obra “Novas Cartas Portuguesas”, assinada por Maria Isabel Barreno, Maria Teresa Horta e Maria Velho da Costa.

“Não me interessava propriamente fazer uma transposição da obra em si para o palco, mas sim estabelecer uma relação com aquelas palavras e textos e, através da dança, perceber o que acontece quando colocamos esses temas num corpo contemporâneo”, explica São Castro ao Semmais.

Nesse confronto entre épocas, a criação procura entender como os referidos temas encontram expressão no presente. O trabalho desenvolvido com Beatriz Mira em torno dos textos pretende, se-

gundo a criativa, “encontrar as palavras certas no corpo” para abordar a liberdade de expressão e, em particular, a possibilidade de a mulher afirmar a sua presença na sociedade.

Apesar destas temáticas reais, a coreógrafa sublinha que, na dança, essa presença e interpretação adquire uma dimensão necessariamente subjetiva. Mesmo quando representa liberdade, resistência ou a ideia de um “corpo que luta”, o movimento não determina uma leitura única. É nessa relação que a palavra ganha importância: “Tento sempre fazer quase uma tradução física da palavra”, explica. Ainda assim, o significado completa-se pelo olhar e pela “dramaturgia de vida” de cada espectador.

Ter uma artista capaz de articular corpo, palavra e interpretação tornou-se, por isso, determinante na construção do solo. Em Beatriz Mira, São Castro considera ter encontrado mais do que capacidade técnica, mas também uma

bailarina que responde aos estímulos e lhes acrescenta uma leitura própria. Essa característica é particularmente importante numa criação em que excertos do texto original são ditos em palco e acompanham o movimento.

Esta passagem entre tempos prolonga-se no figurino, com a ligação inicial à figura de uma freira e evolui para uma mulher contemporânea, de calças, camisa e saltos altos. Um corpete antigo e um banco, que assume diferentes significados, completam os elementos cénicos.

A música também acompanha a dramaturgia, cruzando-se com temas de Bach, William Basinski e Nina Simone. Definida pela coreógrafa como uma “segunda voz do corpo”, procura interferir no movimento e na perceção do espectador, completando a relação entre som, palavra e gesto. ■

TEXTO DAVID MARCOS

Obras de Rui Sanches à mostra na Oficina de Artes Manuel Cargaleiro

A **EXPOSIÇÃO** “Linha e Mancha, Corpo e Máquina”, do escultor Rui Sanches, está patente na Oficina de Artes Manuel Cargaleiro, no Seixal, onde pode ser visitada até 21 de novembro.

Com curadoria de Luís Nunes e coordenação de Carlos Magalhães, a mostra integra o Programa de Exposições Itinerantes da Coleção de Serralves, iniciativa que procura aproximar o acervo da fundação de diferentes regiões e públicos do país.

“Linha e Mancha, Corpo e Máquina” estabelece uma relação entre os trabalhos de escultura e desenho de Rui Sanches e percorre diferentes momentos da obra do artista. Entre as peças apresentadas encontram-se trabalhos da década de 1980 relacionados com temas da pintura clássica e neoclássica, a par de obras posteriores em que ganha destaque uma abordagem mais abstrata ao corpo e à escala humana.



IMAGEM DR

A presença da exposição no Seixal resulta do protocolo estabelecido entre o município e a Fundação de Serralves. O presidente da câmara, Paulo Silva, enquadra a parceria numa “estratégia de desenvolvimento cultural que procura garantir o acesso da população a uma programação diversificada e de qualidade”. Para o autarca, iniciativas como esta permitem criar “oportunidades de encontro com a arte”, promovendo o

conhecimento e trazendo ao concelho artistas e obras de arte contemporânea.

Nascido em Lisboa, em 1954, Rui Sanches desenvolve o seu trabalho artístico desde o início da década de 1980. Ao longo de mais de quatro décadas, construiu uma obra marcada pelo diálogo entre a escultura, a arquitetura, a história da arte e o corpo humano.

O conjunto apresentado na Oficina de Artes Manuel Cargaleiro reúne peças da Coleção de Serralves e de várias coleções depositadas na fundação. Entre estas encontram-se a Coleção de Arte Contemporânea do Estado, a Coleção da Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento, a Coleção Peter Meeker e a coleção do próprio artista.

A exposição pode ser visitada de terça-feira a sábado, entre as 10h00 e as 12h30 e das 14h00 às 18h00. ■

TEXTO DAVID MARCOS

Agenda



“CANTA-ME UMA HISTÓRIA”

Dinamizado por Ângela Laranja, este projeto musical dirigido ao público infantil combina histórias, canções e dinâmicas que procuram estimular a imaginação, ao mesmo tempo que proporciona momentos de interação e partilha.

Seixal

19 de setembro, às 11h00 e 15h00



JOSÉ PEIXOTO E NUNO CINTRÃO

O concerto no Convento dos Capuchos propõe uma viagem por diferentes momentos do percurso musical destes intérpretes, recuperando temas dos álbuns “Fragmentos Imaginários” e “VISITA – Diálogos com Carlos Paredes”.

Almada

19 de setembro, às 21h00



“MIKE EL NITE”

Ao assinalar dez anos de carreira, este artista apresenta no Cinema Teatro Joaquim D’Almeida uma nova fase artística sob o alter ego “Simplesmente Miguel”, assumindo uma vertente mais ligada ao canto e à proximidade com o público.

Montijo

19 de setembro, às 21h30



“NA MAGIA DA 7.ª ARTE”

O Coral Luísa Todi apresenta um concerto dedicado a temas marcantes do cinema, recuperando músicas de filmes como “Missão Impossível”, “Gladiador”, “Grease”, “Fame” e “007: Skyfall”.

Setúbal

24 de setembro, às 21h30

SETUBALENSE SUBIU E BRILHOU MO DEGRAU MAIS ALTO DO PÓDIO EM ITÁLIA

Campeão Europeu João Cruz focado na conquista do mundial

TEXTO DAVID MARCOS

POUCOS DIAS depois de ter conquistado o título europeu de Patinagem Livre, João Cruz já tem o próximo desafio no horizonte. O jovem setubalense da ArtWheels – Clube de Patinagem do Sul continua os treinos diários com o objetivo de preparar o Campeonato do Mundo, que decorre entre 5 e 11 de outubro, em Assunção, Paraguai.

A medalha de ouro que arrecadou em Ponte di Legno, Itália, não alterou a exigência que o patinador coloca sobre o seu desempenho, que considera ter margem para evoluir. “O peso da responsabilidade pesa-me. Quero muito mostrar o que sei fazer. Neste Campeonato da Europa sei que poderia ter feito melhor, mas agora é continuar a trabalhar para o mundial”, diz ao Semmais João Cruz.

O esforço e dedicação para chegar a este nível estende-se muito para além das semanas que antecedem as grandes provas, pois, afirma o patinador de 17 anos, “a pre-

Jovem setubalense da ArtWheels – Clube de Patinagem do Sul, que conquistou o ouro em Ponte di Legno, prepara a próxima grande competição que decorre entre 5 e 11 de outubro em Assunção, Paraguai.

paração para os campeonatos é contínua”: Este ano tive apenas três dias de férias”, revela, referindo que a dança assume também um papel importante nesse trabalho, funcionando como complemento à componente técnica da patinagem.

Essa procura pela evolução reflete-se igualmente na construção dos programas, com João Cruz a apresentar propostas diferentes de época para época. Para esta tem-



porada escolheu um tema de folclore mexicano para o Programa Curto, enquanto o Programa Longo foi construído em torno das “emoções”.

TRABALHO ENVOLVE UMA VASTA EQUIPA

Por detrás daquilo que chega à pista existe um processo que começa na composição musical e passa pela coreografia, figurinos e acompanhamento do atleta.

O trabalho é desenvolvido com as treinadoras e o coreógrafo, mas envolve uma estrutura mais ampla que inclui ainda acompanhamento médico, osteopatia, massagem desportiva e saúde mental. “Somos uma equipa grande e eu sou muito feliz com eles”, salienta.

Relativamente ao Europeu, o atleta preferiu não individualizar os principais rivais, mas reconhece que

quem chega às grandes competições internacionais está entre os melhores e garante respeitar todos os adversários. A referência que estabelece é sobretudo pessoal. “O mais importante para mim é superar-me a mim próprio, fazer sempre melhor”, destaca.

O título alcançado em Itália chegou também à Presidência da República. A felicitação de António José Seguro foi recebida com “orgulho” e “uma grande emoção” pelo setubalense, que vê nas palavras do chefe de Estado um incentivo para continuar a trabalhar e estar focado no desafio seguinte: “Levo-o a si e a todo Portugal no meu coração para o Campeonato do Mundo”, atira.

Para lá do próximo campeonato, o jovem ainda não estabelece fronteiras rígidas para o percurso que pretende seguir. “Com 17 anos só quero ser feliz a patinar e a dançar”, afirma, garantindo que o futuro continuará ligado às duas disciplinas que têm acompanhado o seu crescimento. ■

Depois do título nacional do CN1, FC Barreirense prepara regresso à Proliga

A continuidade do treinador Carlos Caetano e da maioria dos atletas do plantel da época passada são as grandes apostas do emblema. Evan Maxwell é o novo capitão de equipa.

O FC BARREIRENSE iniciou a 1 de setembro a preparação para o regresso à Proliga, depois de se ter sagrado campeão nacional da CN1. Carlos Caetano mantém-se no comando técnico e aponta a permanência como prioridade numa época marcada por um novo formato competitivo.

Dar continuidade ao percurso iniciado na temporada passada foi uma decisão sustentada pelas condições apresentadas para enfrentar o novo patamar. Ao Semmais, o treinador explica que recebeu garantias para construir um grupo capaz de responder aos objetivos, mas também pesou a relação com os

atletas: “Alguns jogadores pediram-me para continuar e manifestaram vontade em continuar a trabalhar comigo, o que também pesou na minha decisão.”

O desafio será diferente daquele que o clube encontrou nas anteriores passagens pelo segundo escalão. Desta- feita, a divisão inicial entre Norte e Sul desaparece e dá lugar a uma prova nacional com 16 participantes e 30 jornadas. “O grau de dificuldade e de competitividade vai aumentar. Não vai ser fácil, mas estamos cá para trabalhar”, afirma, explicando que, entre 3 de outubro e 8 de maio, haverá apenas dois fins de semana sem



jogos e quatro formações serão despromovidas, o dobro das últimas temporadas.

PRIORIZAR MANTER A BASE DO PLANTEL

Para responder à exigência, o Barreirense preservou oito elementos da equipa campeã. “A primeira prioridade foi manter

todos os jogadores que achávamos que tinham nível de Proliga”, revela o técnico, explicando que partir dessa base, o grupo foi reforçado, numa conjugação entre a experiência e formação.

Pedro Costa regressa depois de ter atuado no segundo escalão e João Fonseca foi promovido aos seniores. Evan Maxwell

permanece para uma terceira temporada e assume a braçadeira de capitão, após a saída de Afonso Coelho para o Galitos do Barreiro. Gabriel Springer e Noah Harris completam o contingente norte-americano, mas aguardam pela regularização da AIMAE e ainda não trabalham com a equipa.

A manutenção de grande parte do núcleo tem facilitado a pré-temporada, onde “a componente física está a ser integrada nos exercícios com bola e os jogadores conhecem os métodos da equipa técnica, que passa a contar com Guilherme Pereira como treinador-adjunto”.

O contacto com a competição começou após quatro treinos, diante do Seixal, para recuperar “o ritmo de jogo de basquete”. Seguiu-se um triunfo por 65-53 frente ao Estoril, embora Carlos Caetano considere o resultado “menos importante” nesta fase. Na preparação para o regresso aos jogos oficiais, estão previstos mais dois encontros antes da estreia na Proliga, a 3 de outubro. ■

TEXTO DAVID MARCOS

LOTE 29 CELEBRA UM ANO COM UM OUTRO OLHAR SOBRE SETÚBAL

Quando o vinho começa a escolher o jantar

Num palacete do século XVII, junto ao Pelourinho, há quem comece a refeição pela garrafa. O prato vem depois, pensado para acompanhar aquilo que se descobriu no copo. Um ano depois de abrir portas, o Lote 29 procura fazer da relação entre vinho e cozinha uma experiência de descoberta.



TEXTO RAUL TAVARES / DAVID MARCOS

HÁ UMA certa ironia em entrar num restaurante em Setúbal e deixar que seja o vinho a dizer o que vai chegar à mesa. Afinal, nesta cidade, quase tudo parece começar pelo peixe, pelo choco, pelo queijo ou pelo Moscatel. No Lote 29, a ordem pode inverter-se.

Uma garrafa abre caminho. Um vinho mais mineral pede determinado ingrediente, outro, mais exuberante, pode obrigar a mexer num molho. Às vezes acontece o contrário: é o prato que chama pelo copo. Não há uma regra absoluta, mas há uma ideia que atravessa a casa desde que abriu, em agosto de 2025: vinho e comida devem conversar.

O cenário ajuda a tornar essa conversa particular. O Lote 29 – Wine Bar & Restaurant ocupa um pequeno palacete do final do século XVII, na Praça Marquês de Pombal, junto ao Pelourinho. A intervenção preservou a estrutura histórica e uma Gaiola Pombalina, enquanto o interior procura um equilíbrio entre a memória do edifício e uma linguagem contemporânea.

São cerca de 20 lugares. Poucos o suficiente para criar uma atmosfera quase doméstica, mas também para que a atenção se concentre naquilo que chega à mesa.

A ideia nasceu da paixão de Catarina Palma pelo vinho. O projeto começou por ser pensado como um wine bar, com alguns petiscos, mas rapidamente ganhou outra dimensão. Havia uma vontade

de de apresentar vinhos diferentes e, ao mesmo tempo, desafiar alguns hábitos de consumo numa cidade cuja relação com o vinho está fortemente ligada às referências da região. “Tentar mudar um pouco o paradigma desta cidade, muito centrado nos vinhos de Setúbal ou apenas nos portugueses”, explica Catarina.

A garrafeira abriu-se, por isso, a outras geografias. Ao lado das referências portuguesas aparecem vinhos espanhóis, franceses, austríacos ou italianos, muitos deles produzidos por pequenos produtores e dentro de uma filosofia de intervenção reduzida.

PROVAR OS NÉCTARES SEM PRECONCEITOS

Os vinhos naturais e biodinâmicos têm aqui particular importância. Catarina Palma explica que, nos primeiros, a intervenção durante a vinificação é reduzida ou inexistente, enquanto a biodinâmica procura tratar a vinha como um ecossistema, diminuindo a necessidade de intervenções externas.

São escolhas que podem produzir vinhos menos previsíveis. Aromas diferentes, texturas inesperadas, menor teor alcoólico e perfis que fogem ao padrão habitual. É por isso que perante esta mescla, a gerente do Lote29 assume: “São um bocadinho diferente, fora da caixa”.

A proposta do Lote 29 não passa, contudo, por transformar cada cliente

num especialista. Muitos vinhos podem ser provados a copo, permitindo experimentar várias referências durante uma mesma refeição. A ideia é mais simples: despertar a curiosidade.

Provar. Estranhar. voltar a provar. E perceber que o vinho pode ser também uma viagem.

Essa filosofia ajuda a explicar a cozinha de Nicu Iastremschii. O chef trabalha a partir do produto, mas sem se deixar limitar pela tradição. Recolhe técnicas, combinações e referências de diferentes geografias e leva-as para uma carta que procura manter raízes locais sem ficar presa a elas. “Tento trazer um bocadinho de todos os lados, daqui e de fora”, diz.

Catarina Palma também rejeita uma definição que poderia colocar o restaurante num território excessivamente formal. Não é fine dining, prefere dizer. É cozinha criativa.

DA HORTA E DA LOTA... PARA O PRATO

Os peixinhos da horta são um bom ponto de partida para perceber essa linguagem. A preparação aproxima-se da tempura e é acompanhada por maionese de cebola caramelizada. Noutra proposta, o rabo de boi é desfeito e reconstituído, acompanhado por elementos fermentados, redução da própria carne, alho assado e maçã.

Há ainda barriga de porco com ostra, uma combinação que pode provocar alguma hesitação antes da primeira garfada.

A carta não esquece, naturalmente, que está em Setúbal. O choco frito aparece, mas partilha espaço com takoyaki de polvo, gyosas de camarão, ceviche ou vieira com arroz cremoso de curcuma e wakame.

A cozinha pode olhar para longe, mas a matéria-prima continua muitas vezes a estar perto.

A lota de Setúbal é uma das referências para Nicu Iastremschii e a disponibilidade do peixe acaba por condicionar a própria carta. Um prato pode nascer de uma espécie que, semanas depois, deixa de estar disponível e obriga a procurar uma alternativa.

Aconteceu com a sarda. Curada, marinada e braseada, era acompanhada por beterraba fumada e maionese de rábano picante. Quando a sarda deixou de chegar à cozinha, foi preciso procurar outro peixe capaz de suportar a mesma construção.

É uma cozinha que não trabalha apenas com uma receita, mas com uma ideia.

UMA CIDADE ENTRE TRADIÇÃO E MUDANÇA

O Lote 29 surgiu num momento em que a restauração setubalense procura acrescentar novas linguagens a uma identidade gastronómica já muito marcada.

Setúbal continua a ser a cidade do peixe, do choco frito, do queijo e dos vinhos que fizeram a sua reputação. Mas há uma nova geração de projetos que não parece interessada em escolher entre tradição e inovação. Prefere trabalhar no espaço intermédio.

O Lote 29 é um desses exemplos.

Em março, Nicu Iastremschii participou num jantar gastronómico que reuniu em Setúbal os chefs Mauro Loureiro e Vasco Coelho Santos, este último distinguido com estrela Michelin. O peixe esteve no centro da iniciativa, mas a abordagem foi tudo menos convencional.

É também nessa fronteira que o restaurante procura encontrar o seu lugar: suficientemente ligado à cidade para reconhecer os seus produtos, suficientemente livre para os levar para outras paragens.

Há ainda a história do próprio nome. “Lote 29” era a designação do terreno onde ficava a casa da família de Catarina Palma, perto de Alcácer do Sal. Foi ali que começou a ganhar forma a ideia de trabalhar com vinho. O nome atravessou depois a distância até Setúbal.

Um ano depois da abertura, o projeto parece ter encontrado a sua medida. Pequeno, especializado e sem uma vontade evidente de seguir tendências apenas porque são tendências.

No Lote 29, a garrafa pode chegar antes do menu. O vinho pode obrigar o chef a repensar um molho. O peixe da lota pode mudar uma receita. E uma combinação improvável pode acabar por fazer sentido depois da primeira garfada.

Talvez seja essa a verdadeira proposta da casa: não ensinar uma nova forma de comer ou beber, mas convencer o cliente de que, à mesa, ainda há coisas que vale a pena descobrir. ■

EDITORIAL
RAUL TAVARES
 DIRETOR

E afinal, quem governa?

Há uma pergunta que começa a fazer falta na atual política portuguesa: afinal, quem responde?

Não quem responde no sentido formal, porque para isso existem ministros, secretários de Estado, diretores-gerais e administrações. A pergunta é outra: quem assume politicamente a responsabilidade quando as coisas correm mal?

Por mim, não tenho dúvidas: Este Governo é falho!

Na Educação, este ano, os problemas com os exames nacionais obrigaram a alterar calendários, criar uma época extraordinária e prolongar a incerteza de milhares de estudantes. A Inspeção-Geral da Educação e Ciência encontrou atrasos em dezenas de escolas. Agora, no arranque do ano letivo, surgem novos casos de alunos sem vaga na escola pública e famílias a recorrer aos tribunais.

É possível explicar cada episódio. Há dificuldades técnicas, erros das escolas, falhas de procedimentos, problemas herdados, mudanças administrativas. Tudo isso pode ser verdade.

Mas há uma coisa que não pode acontecer: a responsabilidade dissolver-se entre tantas explicações que, no fim, ninguém responde por nada.

Na Saúde, o guião não é muito diferente. O INEM tornou-se palco de uma discussão sobre ambulâncias, meios, profissionais e organização da emergência pré-hospitalar. O Governo apresenta a reforma como uma forma de reforçar a resposta; os profissionais levantam dúvidas e contestam opções. O acordo alcançado esta semana evitou uma nova greve, mas não elimina as perguntas que estiveram na origem do conflito.

E poderia continuar.

Na verdade, há uma espécie de automatismo instalado na governação de Montenegro: quando aparece um problema, procura-se primeiro o culpado anterior. Se não for o anterior, é a administração. Se não for a administração, são os serviços. Se não forem os serviços, são os sindicatos. Se não forem os sindicatos, são os governos que estiveram antes.

Quase nunca é o Governo.

Ora, governar não é apenas anunciar reformas, apresentar números ou inaugurar soluções. Governar é também responder quando uma reforma falha, quando uma previsão não se confirma, quando um sistema informático não funciona, quando faltam profissionais ou quando uma decisão produz consequências que não estavam previstas.

A responsabilidade política não significa assumir pessoalmente todos os erros da administração pública. Significa outra coisa, bem mais simples: não fugir à responsabilidade de garantir que o Estado funciona.

Um Governo não pode escolher apenas os sucessos que são seus. Se reclama para si o mérito das medidas que resultam, tem também de aceitar a responsabilidade pelas que falham.

É esta relação elementar entre poder e responsabilidade que parece estar a perder-se.

E talvez seja essa a questão mais preocupante de todas. Porque uma democracia pode sobreviver a um erro administrativo, a uma falha informática ou a uma decisão política que tenha de ser corrigida. O que dificilmente pode normalizar é a ideia de que, no topo do poder, há sempre alguém disponível para explicar por que razão a culpa é de outro.

No fim, fica a pergunta que ninguém deveria conseguir evitar: se não é responsabilidade de quem governa, então de quem é?



CLARISSE CAMPOS
 PRESIDENTE DA CÂMARA
 MUNICIPAL DE ALCÁCER
 DO SAL

Os últimos meses têm sido de muito trabalho em Alcácer do Sal. Depois das semanas traumáticas das cheias, em que foi necessário dar uma resposta imediata às pessoas, para as suas necessidades mais básicas, o Município tomou nas suas mãos a reconstrução da cidade e demais áreas afetadas, num esforço partilhado com centenas de alcacerenses, que recuperaram as suas casas e reergueram os seus negócios. Os resultados desta ação estão à vista.

Tivemos, da parte da Administração Central, uma primeira abordagem rápida e eficaz coadjuvando a nossa ação conjunta com outras entidades, procurando agilizar processos e encurtar burocracias. Beneficiámos, igualmente, de uma grande onda de solidariedade, que fez a diferença.

Desde a primeira hora, o Município multiplicou-se em contactos com o intuito de chamar a atenção para a situação de enorme dificuldade que as nossas gentes estavam a atravessar, aproveitando igualmente todas as visitas de governantes para demonstrar a urgência de medidas que apoiassem os que tudo perderam e também a própria autarquia. Ao todo, foram contabilizados mais de 100 milhões de euros em prejuízos, 80 dos quais correspondem a danos municipais.

São números avassaladores, especialmente se tivermos em conta que o orçamento da Câmara de Alcácer do Sal se situa nos 55 milhões e que todos os serviços que prestamos às populações se mantêm. Mais grave ainda, se pensarmos que os negócios afetados são sobretudo micro e pequenas empresas, que representam praticamente todo o tecido económico da zona baixa da cidade.

Era urgente preparar Alcácer para que, no verão, pudéssemos receber condignamente quem nos visita e repor parte do investimento que os comerciantes fizeram, sobretudo com poupanças e recorrendo ao crédito. Segundo dados do Governo, o concelho já recebeu cer-

A NOSSA POLÍTICA É A DA RESILIÊNCIA E DO TRABALHO

ca de 20 milhões de euros. Na autarquia entraram, efetivamente, pouco mais de 4 milhões provenientes do Estado, que agradecemos e já convertemos em obra planeada, executada e em execução.

Fundo Ambiental 2.1 milhões €

Fundo de Emergência Municipal 603.389€

CCDR-A 900.000€

Dir. Geral Autarquias Locais 974.079€

Fomos resilientes e o esforço compensou. Nos últimos meses, recebemos milhares de turistas, que puderam participar nas múltiplas iniciativas que preparámos, provaram a nossa gastronomia em espaços renovados e verificaram que nos estamos a reerguer.

Mas, há ainda muito para fazer. Quem está no terreno nunca está satisfeito com a velocidade a que as coisas se resolvem. Tratámos de lançar obras o mais rapidamente possível, de limpar e refazer o que havia sido destruído pelas águas. Temos ainda serviços desalojados e zonas da cidade que carecem de intervenção. Cá estaremos, como sempre, para levar esses projetos por diante. Não nos limitaremos a repor o que antes existia. Estamos a trabalhar para o futuro, para que a nossa cidade seja ainda mais bela, forte e preparada para qualquer adversidade. Para assegurar qualidade de vida aos de cá e atrair novos moradores. Queremos, igualmente, que quem nos visita sinta vontade de regressar.

Sacudir a água do capote nunca foi a nossa política. Antes, vestimos o capote e calçamos as galochas para, junto das pessoas, fazer o que é preciso. Precisamos de continuar a contar com todos, principalmente o Governo, para apoiar este percurso.

Assumimos responsabilidades, tomamos decisões e trabalhamos, todos os dias, para as executar. Esta foi sempre a nossa forma de atuar e continuará a ser.

Só não percebe isso quem está fechado nos gabinetes e desconhece a realidade do País.

semmais / Ficha Técnica

Diretor **Raul Tavares** / Redação, **Anabela Ventura, António Luís, Cristina Martins, David Marcos, José Bento Amaro** / Coordenação Comercial **Cristina Almeida** / Direção de arte **Pedro Frade** / Design e paginação **Arlinda Correia** / Serviços Administrativos e Financeiros **Mila Oliveira** / Distribuição VASP e Maiscom, Lda / Propriedade e Editor **Maiscom Edição e Publicações, Unipessoal, Lda**; NIPC 513 409 246 / Capital Social **Raul Manuel Tavares Pereira** (100%) / Redação Largo José Joaquim Cabecinha nº8-D, (traseiras da Av. Bento Jesus Caraça) 2910-564 Setúbal. E-mail: publicidade.semmais@mediasado.pt; Semmaisjornal@gmail.com / Telefone: 93 53 88 102 / Impressão Empresa Gráfica LUSOIBÉRIA, Av. da República, nº 6, 1050-191 Lisboa / Tiragem 20.000 (média semanal) / Reg. ICS: 123090. Depósito Legal: 123227/98 / **semmais.pt** / /jornalsemmais



JOÃO PAULO RODRIGUES
DIRETOR DA LICENCIATURA
EM TURISMO DA UNIVERSIDADE
EUROPEIA

O MAIOR DESAFIO DO TURISMO PORTUGUÊS PODE JÁ NÃO SER ATRAIR TURISTAS

Durante muitos anos, Portugal teve um objetivo claro: afirmar-se como destino turístico, ganhar notoriedade internacional e atrair mais visitantes. Esse caminho foi feito com sucesso. Hoje, o país é reconhecido pela qualidade da oferta, pela segurança, pelo património, pela gastronomia, pelo clima e, sobretudo, pela hospitalidade.

Mas o sucesso traz novos desafios. E talvez o maior desafio do turismo português já não seja conseguir que mais pessoas nos visitem e sim garantir que Portugal continua a ser um bom lugar para viver.

O turismo é uma atividade essencial para a economia nacional. Cria emprego, dinamiza empresas, recupera património, promove territórios e contribui para a internacionalização do país. Seria, por isso, errado transformar o debate sobre pressão turística numa oposição simplista entre residentes e visitantes.

A questão é outra: como garantir que o crescimento turístico cria valor sem comprometer a qualidade de vida das comunidades que tornam cada destino único?

Um destino não é apenas um conjunto de hotéis, restaurantes, monumentos ou experiências. É, antes de tudo, uma comunidade. São as pessoas, os bairros, o comércio local, as tradições e as rotinas que lhe dão identidade. Quando essa identidade começa a desaparecer, perde-se também parte daquilo que o visitante procura.

É aqui que a sustentabilidade turística precisa de ganhar uma dimensão mais ampla. Durante muito tempo, falámos sobretudo de sustentabilidade ambiental. Hoje, temos também de falar de sustentabilidade social.

Isso significa pensar a mobilidade, a habitação, o ordenamento do território, a capacidade de carga dos destinos, a valorização do comércio local e a

distribuição dos fluxos turísticos por diferentes regiões e épocas do ano.

Significa também envolver mais os residentes nas decisões sobre o desenvolvimento turístico dos seus territórios. Não podemos medir o sucesso de um destino apenas pelo número de visitantes, dormidas ou receitas. Temos igualmente de perguntar se quem lá vive sente que beneficia desse crescimento.

O futuro do turismo português dependerá da capacidade de encontrar este equilíbrio.

Precisamos de turistas. Mas precisamos igualmente de cidades vivas, comunidades fortes e territórios onde as pessoas queiram continuar a viver, trabalhar e criar família.

Porque existe uma ideia que não podemos esquecer: não há grandes destinos turísticos sem comunidades que tenham orgulho em lhes chamar casa.



CARLOS CARDOSO
GESTOR

ACREDITEM: A DEMOCRACIA NÃO SOBREVIVERÁ AO ESPETÁCULO PERMANENTE.

Esta é apenas a minha opinião. É apenas a visão de um cidadão que olha para o país onde vive e que, cada vez mais, sente que Portugal se está a dividir em dois.

Existe o país real. O dos portugueses que acorram cedo para trabalhar, que enfrentam dificuldades, que educam os filhos, que pagam impostos e que sabem que a vida se faz de esforço, responsabilidade e resiliência. É um país onde os problemas existem, mas onde se procura resolvê-los em vez de os transformar num espetáculo.

Depois existe outro país. O da política-espetáculo, da indignação permanente e do escândalo fabricado. Um país onde qualquer erro é imediatamente apresentado como uma tragédia nacional, onde qualquer falha passa a ser prova de incompetência absoluta e onde o importante já não é resolver os problemas, mas sim descobrir quem pode ser politicamente abatido.

A mais recente polémica em torno da divulgação das classificações dos exames nacionais é apenas mais um exemplo desta forma de fazer política e de alimentar o espaço mediático. Em vez de se exigir rapidez na resolução do problema e serenidade na análise dos factos, assistimos a uma corrida desenfreada para encontrar culpados, fazer acusações e transformar um episódio grave num palco de combate político. O erro deve ser apurado, as responsabilidades devem ser assumidas e as consequências retiradas. Mas entre exigir responsabilidade e trans-

formar tudo num circo mediático vai uma enorme diferença.

Parece que já ninguém admite que um sistema complexo possa falhar sem que isso signifique o colapso do Estado. Parece que já ninguém distingue um erro de uma conspiração ou de uma incompetência generalizada. O exagero tornou-se a regra, porque o exagero gera audiências, alimenta as redes sociais e rende votos.

Entretanto, os comentadores profissionais ocupam horas de televisão a amplificar indignações, muitas vezes desligadas da realidade vivida pelos portugueses. Quem vive no país real sabe que os problemas se resolvem com competência, trabalho e sentido de responsabilidade. Não se resolvem com conferências de imprensa sucessivas, debates inflamados ou julgamentos populares feitos antes de se conhecerem todos os factos.

O que verdadeiramente me preocupa não é o erro. Quem exerce funções públicas pode errar, como qualquer cidadão ou qualquer empresa. O que me preocupa é a incapacidade crescente de distinguir um erro de uma catástrofe, uma falha de um fracasso absoluto. Esta cultura da destruição permanente corrói a confiança nas instituições e afasta aqueles que poderiam colocar a sua competência ao serviço do país.

Pergunto-me quantas pessoas verdadeiramente qualificadas estarão hoje disponíveis para aceitar responsabilidades públicas, sabendo que qualquer

falha, por menor que seja, será explorada até ao limite, independentemente da sua dimensão ou das soluções entretanto encontradas.

Uma democracia forte não é aquela que vive em permanente estado de guerra política. É aquela que fiscaliza, exige responsabilidades, corrige os erros e segue em frente. A democracia enfraquece quando troca a verdade pelo espetáculo, quando transforma cada contratempo numa crise de regime e quando parece desejar mais a queda de quem governa do que a resolução dos problemas dos portugueses.

Tenho a convicção de que o país real está cansado deste clima de conflito permanente. Os cidadãos querem instituições que funcionem, governantes competentes, oposição responsável e comunicação pública que informe em vez de incendiar.

Portugal precisa de menos atores e de mais servidores públicos. Precisa de menos indignação fabricada e de mais soluções. Porque um país não se constrói à custa do descrédito permanente das suas instituições. Constrói-se com exigência, responsabilidade, bom senso e capacidade de aprender com os erros.

Enquanto continuarmos a transformar cada dificuldade numa oportunidade para destruir em vez de construir, estaremos condenados a desperdiçar energias naquilo que menos interessa. E assim, por muito que mudem os protagonistas, continuaremos a caminhar sem rumo. Assim, não vamos a lado nenhum.

Dona ERMELINDA

FAZ PARTE DA SUA VIDA

TRADIÇÃO E
EXCELÊNCIA,
EM TODOS OS
MOMENTOS.

Vinho tinto rico em frutos vermelhos
bem maduros, bem harmonizado
com a madeira. Final de boca cheio,
complexo, longo e agradável.

*Red wine rich in very ripe red fruits
well combined with the wood.
Full, complex, long and
pleasant aftertaste.*



WWW.ERMELINDAFREITAS.PT



SEJA RESPONSÁVEL. BEBA COM MODERAÇÃO.



WINE MODERATION
EST. 2018